

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS

WILSON MENDES DA SILVA NETO

OS QUATRO TEMPERAMENTOS BÁSICOS

ANÁPOLIS-GO

2019

WILSON MENDES DA SILVA NETO

OS QUATRO TEMPERAMENTOS BÁSICOS

Artigo apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título de Licenciado em Filosofia, sob a orientação do Prof. Ms. Tobias Dias Goulão.

ANÁPOLIS-GO

2019

FOLHA DE APROVAÇÃO

WILSON MENDES DA SILVA NETO

OS QUATRO TEMPERAMENTOS BÁSICOS

Artigo apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título de Licenciado em Filosofia, sob a orientação do Prof. Ms. Tobias Dias Goulão.

Data da aprovação: ____/____/____

COMISSÃO EXAMINADORA

OS QUATRO TEMPERAMENTOS BÁSICOS

Wilson Mendes da Silva Neto

Prof. Ms. Tobias Dias Goulão

RESUMO: O homem foi criado e destinado a viver em sociedade a fim de alcançar, tanto quanto possível, o próprio aperfeiçoamento, seja para o próprio bem, seja para possibilitar o bem comum. Este aperfeiçoamento pessoal é possível quando o homem está disposto a trilhar as veredas do autoconhecimento, pois quem não se conhece não sabe suas próprias potencialidades nem seus defeitos. Estudar os temperamentos é muito importante neste processo, pois eles são inatos e, assim sendo, sob certo aspecto limitam o homem na esfera de suas características específicas, que poderão ser superadas ou aperfeiçoadas a partir do trabalho pessoal. Os temperamentos básicos são quatro: colérico, sanguíneo, melancólico e fleumático. Eles podem ser conhecidos observando o modo como as impressões afetam a alma humana. Apenas a partir do autoconhecimento é que o homem poderá conhecer os que estão ao seu redor e criar com eles uma sociedade cada vez mais harmônica, onde haja respeito por si mesmo e pelos outros, levando em consideração os próprios defeitos e qualidades e os defeitos e qualidades daqueles que formam o conjunto da sociedade.

Palavras-chave: Temperamentos. Impressões. Autoconhecimento.

ABSTRACT: The man was created and destined to live in society in order to, as much as possible, achieve the self-improvement, either for one's own good, or to enable common well. This self improvement is possible when man is willing to walk in the paths of self-knowledge, because those who don't know themselves don't know their own potentialities or their shortcomings. Studying temperaments is very important in this process, because they are innate and so, in some respect, limit man in the set of its specific characteristics, that can be overcome or refined from personal work. There are four basic temperaments: choleric, melancholic, sanguine and phlegmatic. They can be known by observing how impressions affect the human soul. Just from self-knowledge can man know those who are around him and create with them an increasingly harmonious society, where there is respect for yourself and for others, taking into account the own defects and qualities and the defects and qualities of those who form the whole of society.

Keywords: Temperaments. Impressions. Self-Knowledge.

1 INTRODUÇÃO

A Filosofia é a ciência da indagação. Pergunta pela causa última de todas as coisas e tudo pensa a partir de sua essência. É uma ciência de muitos conceitos abstratos, mas que levam ao aperfeiçoamento do mundo material através dos seus questionamentos e descobertas.

No âmago da filosofia está o ato de pensar, que é realizado sempre por uma pessoa. Compreendendo pessoa a partir da clássica definição de Boécio, “*rationalis naturae individua substantia*” (MARTINS FILHO, 2004, p. 78), ou seja, substância individual de natureza racional, observa-se estar incluídas neste conceito tanto pessoas humanas, quanto pessoas angélicas ou divinas, pois todas são portadoras da capacidade de raciocinar. Esta capacidade as coloca em posição superior a todos os demais seres, comparados em nível de perfeição; quando comparados entre si mesmas, são tanto mais perfeitas quanto mais simples sejam, ou seja, quanto mais espiritual e menos material, quanto mais independentes na ordem do ser elas sejam.

Toda individualidade supõe também uma subjetividade. Cada sujeito individual tem a sua forma de enxergar a realidade, de compreendê-la, de pensá-la e até mesmo de encarar a objetividade da verdade. Ainda que algum fato tenha acontecido e sido visto por duas pessoas no mesmo momento, se perguntadas, as duas pessoas poderão ter versões subjetivas do mesmo fato, a partir de como aquele fato a atingiu em sua personalidade.

É neste contexto das diferenças existentes de indivíduo para indivíduo humano que se concentrarão estas páginas, pois até mesmo o modo de cada um perceber o mundo ao seu redor está, sob certo aspecto, condicionado pelo seu próprio temperamento.

É interessante perceber como a ciência filosófica se liga à psicologia e a outras ciências e traz os temperamentos também para seu campo de estudo, uma vez que a filosofia não opera apenas nas áreas metafísicas e abstratas, mas, sendo também bastante concreta, ou seja, buscando sustentar grandes verdades, pergunta pelas causas últimas de coisas concretas. Portanto, chega a estudar o homem em sua psicologia a fim de compreendê-lo, a fim de que o homem mesmo se compreenda, compreenda o mundo ao seu redor, e com a finalidade de que o homem possa ainda compreender os outros homens e manter com eles uma boa relação social. Em um campo mais abstrato essa compreensão de si o favorecerá ainda no bom relacionamento com o ser divino, fim último de todo homem. Assim, filosofia, metafísica, ontologia, psicologia, teodicéia, cosmologia e sociologia são as ciências que em conjunto

podem ajudar a trazer respostas aos diversos questionamentos sobre o temperamento humano. (DANKL, 2014).

2 O PRINCÍPIO DA TEORIA SOBRE OS TEMPERAMENTOS

Por mais que na atualidade não seja um tema tão abordado e muitas pessoas nem saibam o que sejam os temperamentos, este não é um assunto novo, mas na verdade bastante antigo. Por volta de 400 antes de Cristo, Hipócrates, médico e filósofo grego, já falava da existência de quatro tipos de temperamentos básicos: sanguíneo, colérico, melancólico e fleumático. (LAHAYE, 2010).

Hipócrates sugeria que os quatro temperamentos fossem resultado de quatro fluidos orgânicos que predominavam no corpo humano - sangue, bÍlis colérica, bÍlis melancólica e fleuma. Com o passar dos anos tal teoria dos fluidos orgânicos foi superada, mas ainda assim esta quádrupla classificação de elementos é ainda amplamente utilizada, pois, ainda que a psicologia moderna tenha dado muitas sugestões novas para a classificação de temperamentos, “nenhuma encontrou maior aceitação do que aquelas do venerável Hipócrates” (LAHAYE, 2010, p. 19).

Quando Hipócrates propôs os quatro temperamentos, ele havia pensado em definir por sanguíneo aquele temperamento mais jovial, por colérico o temperamento mais enérgico, como melancólico o temperamento daquele mais desanimado e por fleumático o temperamento daquele que é quase impassível, de ânimo frio. Hoje, em linhas gerais, estas denominações continuam a indicar aproximadamente o mesmo que já propunha Hipócrates, porém com a consciência da herança genética do temperamento e com as intervenções das novas descobertas psicológicas sobre o homem. (LAHAYE, 2010).

Basicamente o que define o temperamento de uma pessoa é o seu modo de reagir diante das diferentes situações que se lhe apresentam, ou seja, o seu grau de irritabilidade ou de excitabilidade diante de certa experiência (HOCK, 2019). Há pessoas que reagem de maneira mais ativa e que se enquadram no temperamento sanguíneo ou no colérico, e pessoas que reagem de maneira mais passiva, enquadrando-se ou no temperamento melancólico ou no fleumático.

A impressão primeira é de que existem dois temperamentos melhores, o sanguíneo e o colérico, por serem ativos, cheios de energia, mas este é um engano. “Não se pode dizer que

nenhum temperamento seja melhor do que outro. Cada um contém forças e riquezas, contudo cada um possui suas próprias fraquezas e perigos.” (LAHAYE, 2010, p. 32).

2.1 CLÁUDIO GALENO

Outro teórico da antiguidade que também deixou muitos escritos foi Cláudio Galeno (Sec. II), tendo escrito cerca de 400 volumes. Dentre os mais variados assuntos que tratou, como gramática, literatura, filosofia e medicina, Galeno fala também da questão dos temperamentos.

Foi baseando-se na teoria de Hipócrates que Galeno desenvolveu a primeira tipologia de temperamento, descrita em sua monografia “De Temperamentis”, onde fala de nove temperamentos: quatro temperamentos primários, seguindo a linha de predominância de um humor, já falada anteriormente por Hipócrates; outros quatro temperamentos secundários, nos quais as qualidades de um temperamento se misturam às de outro; e um temperamento ideal, resultado da mistura das qualidades de cada um dos quatro temperamentos primários. (PEREIRA; GUZZO, 2002).

Galeno é continuador do pensamento de Hipócrates, e, como tal, reafirma a doutrina dos humores. Rezende elucida essa doutrina:

Segundo a doutrina dos quatro humores, o sangue é armazenado no fígado e levado ao coração, onde se aquece, sendo considerado quente e úmido; a fleuma, que compreende todas as secreções mucosas, provém do cérebro e é fria e úmida por natureza; a bile amarela é secretada pelo fígado e é quente e seca, enquanto a bile negra é produzida no baço e no estômago e é de natureza fria e seca. (REZENDE, 2009, p. 51).

Para Galeno o temperamento não era considerado inato, como hoje se reconhece (HOCK, 2019). Ele acreditava que o temperamento variava de acordo com as fases da vida e que a saúde da pessoa dependia do equilíbrio desses humores, que eram líquidos corporais, como já mencionados anteriormente. Este teórico afirmava que o equilíbrio dos humores poderia ser afetado por diversos fatores, como pela dieta, pelo uso de drogas, pelo tempo e pela localização geográfica, e, assim, para manter o equilíbrio necessário ele recomendava cuidado e moderação em seis pontos: o ar e o ambiente; comida e bebida; sono e vigília; movimento e repouso; excreções; paixões da alma. (MARTINS; SILVA; MUTARELLI, 2008).

Estes temperamentos primários descritos por Galeno são conhecidos e nomeados de acordo com os humores predominantes no corpo:

1) tipo sanguíneo, caracterizado por indivíduos atléticos e vigorosos, nos quais o humor corporal predominante era o sangue; 2) tipo colérico, indivíduos facilmente irritáveis, nos quais predominava a bile amarela; 3) tipo melancólico, indivíduos tristes e melancólicos que exibiam excesso de bile negra; e 4) tipo fleumático, indivíduos cronicamente cansados e lentos em seus movimentos, que possuíam excesso de fleuma. (ITO; GUZZO, 2002, p. 92).

Hoje muitos autores falam de outros temperamentos, até como desdobramentos desses quatro temperamentos básicos. No entanto, o enfoque principal destas páginas é sobre estes apresentados primeiramente por Hipócrates e reafirmados por Galeno: sanguíneo, colérico, melancólico e fleumático. Ainda que a princípio eles tivessem lançado uma série de questões errôneas, que foram posteriormente superadas, ainda sim sua definição deu base para o aperfeiçoamento da teoria dos temperamentos.

É importante notar que para alcançar um maior nível de perfeição pessoal é preciso primeiro conhecer os temperamentos e apenas depois dar o passo do conhecimento de si mesmo, com a finalidade de dominar as paixões que afetam a alma.

3 CAMINHO PARA O AUTOCONHECIMENTO

Diante dos temperamentos é preciso tomar três atitudes: conhecer-se, aceitar-se e dominar-se.

3.1 CONHECER-SE

Para se conhecer e saber qual o seu temperamento predominante o melhor é estudar um pouco os temperamentos e observar as próprias reações diante dos fatos do dia a dia, consciente de que “nenhuma pessoa é padrão de um único temperamento”, pois podem existir pessoas que, dentro dos graus variados de temperamento, apresentem uma combinação de mais de dois temperamentos e até de, possivelmente, todos os quatro temperamentos. Porém, o importante a ser conhecido nesta autoanálise é o temperamento predominante, aquele que mais impacta a pessoa com suas forças e fraquezas próprias. (LAHAYE, 2010, p. 20).

O antigo axioma socrático “conhece-te a ti mesmo” é um convite necessário a todas as pessoas. Somente a partir do momento que se dá a devida atenção para esse conhecimento é que a pessoa passará a se compreender melhor, saber o motivo que a leva a reagir de determinada maneira diante das situações e, então, conseguirá trabalhar com mais acerto em seu aperfeiçoamento pessoal, aproveitando o que é bom, cultivando as boas qualidades de seu temperamento, e combatendo o que não é bom, colocando esforços para melhorar as fraquezas próprias desse temperamento.

O temperamento, ainda que não possa ser trocado, pode sempre ser melhorado (HOCK, 2019). Conhecer o próprio temperamento também faz com que a pessoa seja mais humilde, pois ficará convencida de que “o que há de bom em nós não é tanto virtude, mas consequência da nossa natureza e do nosso temperamento” (HOCK, 2019, p. 8).

Outro fator importante desse conhecimento dos temperamentos é que por ele se chega a compreender melhor as outras pessoas.

O Dr. Krieg, em sua obra *La Ciencia de la Dirección Espiritual em Particular*, diz, na página 141: “Não poderemos entender o nosso próximo enquanto não chegarmos a conhecer seu temperamento, suas aspirações e tendências, pois conhecer a um homem significa sobretudo conhecer seu temperamento”. (HOCK, 2019, p. 7).

Também é possível ser mais justo e mais paciente com as pessoas a partir do conhecimento do seu temperamento, pois será possível tratá-las de acordo com o que o seu temperamento exige e suportar aquelas fraquezas peculiares de seus temperamentos, justamente por causa desse conhecimento. (HOCK, 2019).

Por definição pode-se tomar o que foi afirmado por Hock (2019, p. 3), que diz que o temperamento é “uma disposição fundamental da alma, que se manifesta particularmente quando esta recebe uma impressão no pensamento, seja por ideias acerca de algo ou representações da imaginação, seja por acontecimentos exteriores”.

Para conhecer o próprio temperamento a pessoa pode se fazer algumas perguntas, reconhecendo suas reações diante das impressões às quais foi submetida:

1. Diante de tais impressões, a alma se irrita com rapidez e força, ou, ao contrário, com lentidão e debilidade?
2. Sob tais impressões, a alma se sente impulsionada a reagir de imediato, ou se sente inclinada a esperar e ficar tranquila? Tais situações movem-na a reagir com ardor, ou a prostrar-se em um estado de passividade?
3. Essa irritação da alma dura por muito ou pouco tempo? Tais impressões ficam gravadas na alma por muito tempo, de modo que apenas com sua

recordação se renova a irritação, ou sabe a alma superar de imediato e com facilidade, de forma que a lembrança de uma irritação não chega a provocar uma outra? (HOCK, 2019, 4).

As respostas a essas perguntas conduzem aos quatro temperamentos básicos, de modo que a pessoa poderá avaliar em qual deles se encaixa de maneira mais precisa. Trata-se de uma honesta autoanálise.

O colérico e o melancólico são os tipos de temperamentos que por mais tempo guardam as impressões na alma, enquanto o sanguíneo e o fleumático têm as impressões desvanecidas com facilidade. No caso do colérico, que tem por característica uma irritação fácil e forte, que o leva a reagir de imediato diante das situações, essa permanência da impressão na alma pode conduzi-lo a novas irritações. O sanguíneo se assemelha ao colérico pela irritação fácil e forte, também se sentindo impulsionado a uma reação rápida, porém nele a impressão logo se apaga, sem que permaneça muito tempo na alma. Os dois temperamentos mais passivos são o melancólico e o fleumático. O melancólico diante das impressões da alma se irrita bem pouco, não chegando a reagir, ou, se o faz, é depois de algum tempo, porém, essas mesmas impressões ficam profundamente gravadas em sua alma. O fleumático, por sua vez, é um tanto mais frio, não se deixando nem afetar pelas impressões da alma, nem reagindo, e desvanecendo rapidamente tais impressões. (HOCK, 2019).

“Os temperamentos colérico e melancólico são apaixonados, comovem e repercutem muito profundamente na alma, ao passo que o sanguíneo e o fleumático não têm grandes paixões nem causam fortes ímpetos na alma.” (HOCK, 2019, p. 4).

3.2 ACEITAR-SE

Quando se fala de temperamentos, com suas qualidades e defeitos, é sempre muito agradável olhar para as qualidades de cada um deles. Porém, muitas vezes não é fácil lançar um olhar para aqueles pontos que vão exigir esforço, se a pessoa realmente tem um desejo de aperfeiçoamento pessoal.

Os temperamentos que, como já foi dito, são inatos no indivíduo, trazem consigo muitas fraquezas, mas que não devem desanimar a pessoa, pois ainda que não possam ser trocados por outro temperamento, podem ser melhorados, podem e devem ser equilibrados.

Sem dúvidas, no caminho de quem almeja o aperfeiçoamento pessoal, no caminho de quem deseja construir uma base sólida para posteriormente levantar uma obra admirável, não

pode faltar a aceitação. A aceitação pessoal é o primeiro passo para a construção do que todo ser humano é chamado a ser. (LAHAYE, 2010)

Esta aceitação, analisada a partir deste ponto de vista, é apenas um movimento de quem almeja alcançar o patamar mais elevado de possuir-se e de dominar-se.

3.3 DOMINAR-SE

O domínio de si mesmo é o mais elevado posto que aquele que busca a perfeição almeja alcançar.

É comum de alguns temperamentos o desejo de dominar além de si mesmo também o outro, como no caso do temperamento colérico, por exemplo, já que este é considerado o temperamento do líder nato. Só que mesmo antes de dominar o outro, é preciso ter domínio de si próprio. “Só domina quem se domina, só se domina quem se possui, só se possui quem se conhece, só se conhece quem sabe refletir” (MONTE, 1966, p. 51).

O domínio não parte apenas da reflexão, contudo, aquele que reflete tem maior capacidade de se dominar, de mover sua vontade para o caminho mais perfeito, evitando as desastrosas consequências do temperamento explosivo, do temperamento irreflexivo, do temperamento sentimentalista e do temperamento inerte. É preciso refletir para se conhecer, conhecer-se para se possuir, e possuir-se para então se dominar.

O dominar-se parte, portanto, da reflexão e da vontade. “O homem sente para pensar e pensa para querer” (MONTE, 1966, p. 73). A ação sucede a vontade, que, por sua vez, sucede a reflexão e o sentir. O domínio de si é o controle das paixões provocadas pelas impressões captadas pelos sentidos, um controle realizado pela reflexão que ordena a vontade para o bem.

A vontade é a faculdade mestra, aquela que, enfeixando todas as atividades do psiquismo humano, elabora o ato mais perfeito que o homem pode elaborar: o ato de querer. A sensibilidade apresenta ao sujeito os objetos sensíveis, materiais. A inteligência, da imagem sensível, apresentada pelos sentidos, apreende, pela ideia que faz do objeto, os seus verdadeiros valores, apresentando-os à vontade, para que esta se delibere a agir. O ato da vontade é o último elo da cadeia dos fenômenos psíquicos. (MONTE, 1966, p. 73).

Dois homens, muito coléricos e extremamente apaixonados, Inácio de Loyola e Francisco de Sales, considerados santos pela Igreja Católica, podem ser colocados como modelos de superação dos defeitos e tendências negativas de seus próprios temperamentos. Além destes, outros tantos souberam se dominar e alcançaram a perfeição.

Santo Inácio de Loyola, um colérico apaixonado, alcançou tal domínio sobre si mesmo, parecendo exteriormente tão isento de paixões, que os que o rodeavam o tinham por fleumático. No colérico São Francisco de Sales, se extinguiram por completo os arrebatamentos e explosões de ira, o que certamente não conseguiu, senão após 22 anos de combate contínuo consigo mesmo. Os santos melancólicos nunca deixam transparecer a tristeza, o mau humor e o desânimo a que tende seu temperamento, mas, voltando-se a Jesus Crucificado, sabem dominar, depois de uma breve luta, essa perigosa disposição de ânimo. (HOCK, 2019, p. 6).

4 ALGUMAS NECESSÁRIAS DISTINÇÕES

Algumas distinções precisam ser feitas a fim de dirimir confusões cometidas no passado e que infelizmente são propagadas por alguns ainda hoje.

Até mesmo grandes pensadores se equivocaram outrora falando sobre os temperamentos, confundindo-os com líquidos corporais, estados de ânimo ou, como é o caso de Galeno, com as paixões da alma. Ele dava a entender que os diferentes temperamentos produziriam as diferentes paixões, como a ira, procedente do temperamento colérico ou a tristeza, advinda do temperamento melancólico, confundindo até mesmo os temperamentos com a substância mesma da alma, o que foi refutado por autores cristãos, como Tomás de Aquino. (MARTINS; SILVA; MUTARELLI, 2008).

Ainda hoje alguns caem em confusões e afirmam que uma pessoa pode num mesmo dia possuir os quatro temperamentos, por exemplo, refletindo a mesma orientação que tinha Galeno. Porém, na verdade, ainda que uma pessoa possa apresentar estados de ânimo diferentes no decorrer de um mesmo dia, ela continua possuidora de algum temperamento predominante, detectado pelo modo como ela se impacta pelas impressões que se lhe apresentam e por quanto tempo estas mesmas impressões lhe ficam marcadas, antes de se esvanecerem.

4.1 DISTINÇÃO ENTRE EMOÇÃO, PAIXÃO E SENTIMENTO

Uma vez que o homem entra em contato com alguma realidade exterior, seus sentidos externos imediatamente percebem as propriedades acidentais das coisas, como a luz, o som, o odor, o gosto, a dureza, etc., e essa sensação captada por estes sentidos percorrem um caminho até chegar à inteligência. Pode-se dizer que “os órgãos sensoriais se apresentam como um rádio-receptor que, recebendo as irradiações externas, as leva, por meio dos nervos

sensitivos, até a cortiça cerebral, onde a consciência toma conhecimento da presença daquele estímulo que se postou diante dela” (MONTE, 1966, p. 18).

A partir da captação da sensação pelo sentido externo, toda a diferenciação das sensações e das propriedades acidentais das coisas percebidas através deles será agora realizada por um sentido interno, chamado pelos escolásticos de sentido comum. Nivaldo Monte, citando Sinibaldi, faz possível a compreensão do que seja o sentido comum:

O sentido comum é a faculdade pela qual o homem percebe as “sensações” dos sentidos externos e as suas “diferenças”. Esta faculdade é, pois, o centro, que recolhe as sensações dos sentidos externos, comparando-as e distinguindo-as umas das outras... e a consciência nos atesta que percebemos o ato dos sentidos externos, comparamos as sensações externas e distinguimos uma sensação de outra, o branco do amargo, o som do sabor. (SINIBALDI apud MONTE, 1966, p. 19).

O caminho percorrido pelas irradiações externas, que foram percebidas pelos sentidos, se dá por meio dos nervos sensitivos, até chegarem ao cérebro. Neste trajeto a tonalidade afetiva é despertada pela corrente nervosa e irradiada sobre ela mesma, difundindo-se sobre o sistema nervoso e a todos os órgãos. E agora esta corrente nervosa irradiada de afetividade segue seu percurso, indo se projetar na cortiça cerebral, formando as imagens, as quais serão tanto mais vivas, na proporção da irradiação afetiva recebida. (MONTE, 1966).

É esta combinação de afetividade e sensação que inclina o indivíduo a agir em concordância com os estados afetivos típicos de que é possuidor. “Deste modo o homem, ferido pelo estímulo que produziu a corrente nervosa, desperta, pela afetividade, para o mundo exterior reagindo sobre o mesmo, sob a forma de emoção, paixão e sentimento.” (MONTE, 1966, p. 21).

Nivaldo Monte afirma que a emoção depende mais dos centros afetivos, enquanto a paixão está mais ligada ao cérebro. Assim, a emoção é uma tendência a sentir, enquanto a paixão é uma tendência a agir. “A emoção difundindo-se sobre o corpo, por meio do sistema simpático, nervos e glândulas de secreção interna, antes mesmo de chegar à cortiça cerebral, onde se elabora a imagem, afirma-se como uma entidade efetiva” (MONTE, 1966, p. 28). Já a paixão, que tem um trajeto mais longo, porque é despertada apenas depois de chegar ao cérebro, “traz em si elementos mais dinâmicos que sensitivos, visto que sua elaboração se processa na cortiça cerebral, onde se forma a imagem, cuja função (...) é o movimento” (MONTE, 1966, p. 28).

A partir dessa observação da distância percorrida pela sensação captada pelo órgão do sentido até a corteza cerebral e da necessidade ou não de chegar ao cérebro antes de produzir seus efeitos, Nivaldo Monte chega à conclusão de que as emoções são mais desordenadas que as paixões:

Os movimentos despertados pelas paixões são mais dirigidos que os despertados pelas emoções. Na paixão o movimento fere diretamente o objeto, ao passo que na emoção este movimento se espalha sem direção determinada. Por isso se diz que a emoção é um tipo de conduta não racional. (MONTE, 1966, p. 28).

E faz ainda a diferenciação do sentimento em relação à paixão e à emoção:

A diferenciação [...] se encontra na atuação do psiquismo superior sobre a sensação e sobre a afetividade, carregadas de elementos imaginativos. Se a predominância coube à afetividade, temos a emoção. Se coube à imaginação, temos a paixão. Se, porém, a inteligência assumiu o controle, então as emoções e paixões vão se transformando pouco a pouco em sentimentos. Assim vemos que o elemento intelectual é o verdadeiro especificador dos sentimentos. (MONTE, 1966, p. 29).

Este conhecimento acerca das distinções entre emoção, paixão e sentimento está intrinsecamente ligado ao conhecimento sobre os temperamentos, pois há temperamento que de modo característico se move mais por emoções, temperamento que se deixa mover mais por paixões e, por fim, há temperamento que se move mais pelos sentimentos.

4.2 DISTINÇÃO ENTRE TEMPERAMENTO, CARÁTER E PERSONALIDADE

A indistinção que se faz entre temperamento, caráter e personalidade normalmente gera grande confusão. Tim LaHaye dá definições rápidas de cada um deles e ajuda a compreender melhor a diferença existente entre um e outros:

O temperamento é a combinação de características que são transmitidas pelos gens, e, portanto, herdadas de modo tão imprevisível quanto a cor dos olhos, por exemplo, e que subconscientemente afetam o procedimento do indivíduo (LAHAYE, 2010). O Pe. Andreas Dankl (2014, p. 23) define temperamento na mesma linha que este trabalho vem tentando deixar claro, ou seja, a partir das impressões exercidas sobre a alma: “é uma disposição inata

da alma que se conhece quando uma impressão se exerce sobre a alma, tendo como causa o pensamento, as ideias e os acontecimentos externos”.

O caráter é o resultado do temperamento natural aperfeiçoado pela educação recebida, pelo trabalho da vontade, pelo comportamento, pela religiosidade, pelos princípios morais que regem a pessoa, pelas motivações que guiam o seu viver. (LAHAYE, 2010) Por isso, não é o temperamento da pessoa que a faz boa ou ruim, porque o temperamento em si é bom, com suas virtudes e defeitos próprios. O que faz a pessoa boa ou ruim é o seu caráter, o conjunto de valores que ela traz consigo, ou a falta deles.

Já a personalidade é o rosto que as pessoas mostram de si para os outros, é o seu semblante externo, que pode ser igual ou não ao caráter da pessoa, dependendo de quão autêntica ela seja. Frequentemente há pessoas que escondem um caráter desprezível ou medíocre por detrás de uma fachada agradável que transmite aos outros, representando um papel, e simplesmente deixando de se basearem no que realmente são. Segundo Tim LaHaye (2010) esta é a fórmula para o caos mental e espiritual.

5 OS QUATRO TEMPERAMENTOS BÁSICOS COM SUAS VIRTUDES E FRAQUEZAS

Muitos autores ao tratar sobre os temperamentos fazem paralelamente um estudo da biotipologia humana, traçando características físicas que são comumente apresentadas por indivíduos de determinado temperamento.

Acerca disso, Nivaldo Monte concorda com a arte de conhecer o homem pela sua fisionomia e afirma que tudo no homem tem ressonância em seu corpo. Buscando comprovar sua teoria, cita alguns casos clínicos relatados por Kretschmer, como um em que se havia constatado “a relação quase constante que existia entre a psicose maníaco-depressiva e as formas arredondadas de seus clientes, enquanto notava que a esquizofrenia tinha acentuadas preferências pelos indivíduos magros, de formas anatômicas raquíticas” (MONTE, 1966, p. 31).

No entanto, outro teórico no qual este trabalho também se embasa, Conrado Hock, não concorda plenamente com Nivaldo Monte e afirma que “considerar detalhes do corpo como notas características dos quatro temperamentos (como a formação do crânio, a cor do rosto e do cabelo, ou a constituição do colo e da nuca) não passa, a meu ver, de um simples passatempo” (HOCK, 2019, p. 7).

De forma alguma este trabalho tem a intenção de se opor às pesquisas mais recentes da psicologia, que, como afirma Nivaldo Monte, tem feito progressos nessas comparações da biotipologia física com os temperamentos. Não se objetiva também a levantar dúvidas sobre a capacidade de se conhecer alguém pelas expressões de seu corpo, não sendo a intenção deste duvidar de que ‘o corpo fale’, como tantos hodiernamente defendem. Porém, por uma questão de opção, este trabalho não mencionará, ao tratar especificamente sobre cada temperamento, nenhuma característica física como identificadora de tais temperamentos.

5.1 COLÉRICO

“A alma do colérico, pelas influências que recebe, se irrita de imediato e com veemência. A reação é instantânea. A impressão permanece na alma por muito tempo.” (HOCK, 2019, p. 9).

O temperamento colérico é um dos temperamentos ativos, ao lado do temperamento sanguíneo. As pessoas coléricas normalmente são conhecidas pela sua facilidade de se exaltar diante das situações, mostrando que entre as características predominantes deste temperamento estão a grande paixão que as impulsiona e também o instinto de dominação.

O colérico é um temperamento de reações rápidas e cortantes. “Apaixonado em sua sensibilidade, penetrante em sua inteligência, enérgico em sua vontade, o colérico traz, desde berço, o maior potencial de virilidade.” (MONTE, 1966, p. 41).

Outra forte característica pela qual os coléricos são conhecidos é a verticalidade intelectual. São possuidores de uma inteligência de penetração, ou seja, não ficam apenas na superficialidade, mas, partindo de uma simples ideia, formam um juízo equilibrado, para finalizar seu ato intelectual na perfeição de um raciocínio que lhes dá a posse da verdade. Nas ciências os coléricos gostam das especializações. (MONTE, 1966).

Uma de suas grandes qualidades é a firme vontade. Quando começa uma coisa o colérico sempre procura levar até o fim. Mas ao mesmo tempo esta firme vontade é sempre cheia de autossuficiência, de modo que a dependência dos outros seja sempre uma dificuldade encontrada pela pessoa possuidora deste temperamento.

Ainda assim a vontade é o grande potencial dos homens coléricos. Segundo Tanquerey, “A vontade é no homem a faculdade mestra, a rainha das demais faculdades, a que as governa; é ela que, por ser livre, dá, não somente aos atos que lhe são próprios, mas,

ainda, aos atos de outras faculdades, que ela manda, o mérito e o demérito” (TANQUEREY apud MONTE, 1966, p. 42).

Por causa dessa sua inteligência de penetração e pela sua vontade firme o colérico é considerado o chefe nato, é a pessoa que não se sente abalada por qualquer obstáculo, e por causa dessa sua firmeza, acaba obtendo sucesso onde tantos outros encontram o fracasso. Ele não precisa ser estimulado por ninguém, mas, pelo contrário, ele mesmo se estimula e estimula as pessoas que estão ao seu redor.

Entre as fraquezas do temperamento colérico estão a própria exaltação de ânimo, o grande orgulho, a insensibilidade, a indiferença e a dureza com que leva as situações da vida. Para conseguir o que quer o colérico facilmente passa por cima de outras pessoas, humilhando-as ou até mesmo usando recursos baixos para conseguir os seus objetivos. “Ele não se compadece facilmente dos outros, nem demonstra ou expressa compaixão com espontaneidade. [...] Pouco aprecia as belas artes; seu interesse primordial é para com os valores utilitários da vida.” (LAHAYE, 2010, p. 25).

O colérico, por sua característica indiferentista, mesmo sendo capaz de fazer grandes sacrifícios pelas pessoas por quem tem maior estima, não são capazes de demonstrar o amor que sentem. Apesar de terem um coração imenso, amam apenas no interior do seu próprio coração.

Algumas profissões se encaixam bem com o temperamento colérico, especialmente ocupando cargos de liderança: pode vir a ser um bom gerente, planejador ou produtor (LAHAYE, 2010). Porém, ao mesmo tempo em que pode ser bastante virtuoso, fazendo muito bem para os outros a partir do seu temperamento, o colérico, dependendo de seus padrões morais, pode seguir rumos ruins. “Muitos dos criminosos mais depravados do mundo e muitos ditadores têm sido coléricos.” (LAHAYE, 2010, p. 47).

Se bem trabalhado, com suas virtudes e defeitos, o temperamento colérico pode chegar, como qualquer outro, ao aperfeiçoamento e à plenitude daquilo que cada ser humano é chamado a ser.

5.2 SANGUÍNEO

“A alma do sanguíneo se irrita rápida e veementemente por qualquer impressão e a reação acontece no mesmo instante, mas a impressão permanece por muito pouco tempo na

alma. A lembrança de coisas passadas não provoca novas emoções tão facilmente.” (HOCK, 2019, p. 15).

O temperamento sanguíneo figura, ao lado do temperamento colérico, como um temperamento ativo. Ambos são de reações rápidas e cortantes, porém há uma grande diferença entre o colérico e o sanguíneo: aquele é um reativo apaixonado, enquanto este é um reativo emotivo. Portanto, ao contrário do colérico, o sanguíneo não guarda em sua alma os efeitos das suas emoções. (MONTE, 1966).

A inteligência do sanguíneo é intuitiva, ao contrário do colérico, que baseia sua atividade intelectual no modo discursivo. “Sem precisar estagiar nos degraus da ideia, do juízo e do raciocínio, a inteligência lê, no interior dos objetos, numa visão fulgurante da verdade, a realidade objetiva das coisas.” (MONTE, 1966, p. 45) O tempo que o sanguíneo leva para chegar a essa verdade através da intuição é bem menor que o tempo gasto pelo colérico em sua inteligência discursiva, no entanto, o método intuitivo não é considerado tão seguro quanto o discursivo.

Um olhar, uma atitude, o mais leve gesto, é o bastante para o sanguíneo tirar todo um caudal de conclusões. Não estagiando, como faz o colérico e o melancólico, nos vários setores que levam ao conhecimento discursivo das coisas, ele ganha muito tempo, em relação aos outros temperamentos. (MONTE, 1966, p. 71).

A pessoa colérica é super sociável, é do tipo que não tem dificuldade de fazer novas amizades, sempre conversando com as pessoas e mostrando o seu jeito espontâneo e extrovertido de enxergar o mundo. O sanguíneo se adapta facilmente aos novos ambientes e não gosta da solidão e, assim sendo, constantemente está cercado por pessoas, se sentindo mais à vontade quando está circundado pelos amigos. Está sempre alegre, sempre tem um novo caso para contar, vive fazendo piadas e rindo das pessoas, das coisas e dos acontecimentos, pois ama viver e amar. Um grave defeito é que fala antes de pensar, o que lhe gera muitas situações constrangedoras, mas ao mesmo tempo, pela sua sinceridade acaba desarmando os seus interlocutores e os obrigando a reagirem com a mesma disposição de espírito. (LAHAYE, 2010).

Por causa da sensibilidade finíssima do sanguíneo, este temperamento é considerado por alguns autores como um temperamento típico da mulher, sendo o contrário do que acontece com o colérico, que é considerado como um temperamento nitidamente masculino (MONTE, 1966). Pode-se dizer que os sanguíneos possuem uma maior capacidade de receber

as irradiações ambientais, vibrando com mais facilidade ante os estímulos exteriores. Portanto, “enquanto o colérico reage, quase sempre, apaixonadamente e o melancólico sentimentalmente, a emotividade é o caminho próprio tomado pelo sanguíneo” (MONTE, 1966, p. 66).

Um dos graves defeitos do sanguíneo é a sua vontade fraca. Naquilo que não desperta grande interesse ao sanguíneo ele não se preocupa em colocar tanto empenho, demonstrando uma vontade fraca e volúvel, mas, ao contrário, naqueles pontos em que ele é impulsionado por grandes estados afetivos, ele é capaz de grandes heroísmos. Portanto, como o sanguíneo é um temperamento de bases afetivas, quanto mais afetividade envolvida, de maneira menos volúvel o sanguíneo se comporta. (MONTE, 1966).

As profissões que melhor se encaixam com o perfil do sanguíneo, segundo Tim LaHaye (2010), são vendedor, funcionário de hospital, professor, conferencista, ator, orador e, ocasionalmente, poderiam também ser bons chefes.

É um temperamento alegre, muito rico e dinâmico, com suas curiosas particularidades. O sanguíneo vem dar alegria ao mundo tantas vezes triste. Faz um bom equilíbrio na mistura com os outros temperamentos, animando e pacificando o convívio social. Para controlar seus defeitos e melhorar suas disposições rumo a um aperfeiçoamento sempre maior o sanguíneo poderá procurar se conhecer sempre mais, buscando o autocontrole e vivendo como uma pessoa de fé.

5.3 MELANCÓLICO

A alma do melancólico se irrita debilmente pelas influências externas, e sua reação, se é que tem alguma, é, do mesmo modo, débil. Porém, tal irritação, ainda que seja sempre débil, permanece por longo tempo na alma, e, favorecida por novas impressões, que se repetem sempre no mesmo sentido, aprofunda-se cada vez mais, até o ponto de apoderar-se da alma, movê-la com violência e não se deixar arrancar logo sem dificuldade. As impressões na alma do melancólico podem ser comparadas a uma estaca, que, com as marteladas, vai se afundando na terra com crescente tensão, fixando-se com tanta firmeza que não é fácil arrancá-la. Essa nota característica do melancólico merece atenção especial, uma vez que nos dá a chave para poder compreender muitas coisas que, na conduta do melancólico, nos parecem inexplicáveis. (HOCK, 2019, p. 20).

O melancólico é um dos dois temperamentos passivos, ao lado do temperamento fleumático. Quando se fala de temperamento passivo a primeira impressão é que seja um temperamento pouco apreciável, mas não é nada disso com relação ao temperamento

melancólico, pois o melancólico “possui decididamente a mais rica e a mais sensível natureza de todos os temperamentos” (LAHAYE, 2010, p. 37).

Muitos dos grandes gênios que o mundo já viu foram melancólicos. As pessoas de temperamento melancólico são consideradas grandes benfeitoras da humanidade. Conrado Hock, citando Schubert, diz o seguinte acerca da alma melancólica: “Esta tem sido a forma predominante da alma dos poetas e artistas mais sublimes, dos pensadores mais profundos, dos inventores e legisladores mais geniais e sobretudo daqueles espíritos que abriram ao seu tempo e ao seu povo o acesso a um mundo feliz e superior” (SCHUBERT apud HOCK, 2019, p. 24). De fato, dentre as características mais marcantes do temperamento melancólico estão a sua capacidade de se recolher em si e também sua profunda capacidade analítica, amando a solidão e inclinando-se à reflexão, o que são características muito proveitosas para o desenvolvimento da atividade mental que os leva a caminhos geniais.

Esta característica do melancólico de se doar em favor dos outros é sentida especificamente nas profissões que mais se enquadram com seu perfil de temperamento e que eles mesmos costumam escolher como caminho de entrega de vida, pois, geralmente encontram maior significado da vida através do sacrifício pessoal. Os melancólicos se destacam entre os artistas, músicos, inventores, filósofos, educadores e teóricos.

Por causa de sua propensão à solidão, à quietude e à passividade, o melancólico também tem certa inclinação à tristeza. Ele normalmente considera as coisas em seu aspecto menos agradável e dentro de si é como se conservasse sempre um choro não expressado.

O melancólico, ainda que disponha de certa firmeza depois de ter realizado a deliberação de como agir, muitas vezes diante de situações difíceis ou desagradáveis, se sente desanimado ou acanhado, e isso por lhe faltar valor e ânimo suficientes. Em vez de tentar se superar ele prefere desistir do que começou a empreender.

O melancólico tem um orgulho camuflado, que muitas vezes até passa por humildade. Ele tem medo de se mostrar em público e de aceitar louvores, mas essa sua reserva é fruto do medo dos sufocos e das humilhações. Chega até mesmo a recusar cargos de liderança, cedendo-os a pessoas até menos qualificados ou até mesmo incapazes, sentindo-se ao mesmo tempo, interiormente, ferido por não ser respeitado e por seus talentos não serem tão apreciados. Para se aperfeiçoar o melancólico precisa dar uma atenção bastante especial a esse seu despeito, evitando essa grande sensibilidade e suscetibilidade que têm até mesmo às menores humilhações, pois é fruto da soberba. (HOCK, 2019).

Dentre os pontos de defeito do melancólico estão: facilmente perde a confiança nas pessoas, simplesmente por descobrir nelas pequenas repreensões; fica interiormente revoltado com veemência por qualquer desordem e injustiça que percebe; dificilmente esquece as ofensas; é muito desconfiado, sempre imaginando que os que cochicham estejam falando dele, que as pessoas que se aproximam têm más intenções e, assim, acaba temendo perigos que não existem; para ele tudo vai mal, gostando muito de se lamentar. (HOCK, 2019).

O melancólico é sempre um amigo fiel e espera isso também dos seus amigos, mas acaba sendo uma pessoa de poucos amigos, primeiramente porque tem dificuldade de se aproximar das pessoas e de puxar assunto, sendo, por natureza, possuidor de um temperamento esquizotímico¹, e, em segundo lugar, por ser bastante seletivo com relação às suas amizades. (MONTE, 1966).

O melancólico pesa muito os prós e contras diante de todas as situações, e de tanto meditar sobre como agir, acaba tendo dificuldade em se decidir. Essa indecisão também é fonte de escrúpulos para ele.

O melancólico pensa muito, até demais; considera tão intensamente os prós e os contras, que sua inteligência não sabe como apresentar os verdadeiros valores à vontade, como motivos para que ela se delibere a agir. Daí sua tão conhecida indecisão. Sua vontade é reta. Entretanto, não tem firmeza nem constância no agir. Não há dúvida de que, quando se deliberou, dificilmente argumentos de estranhos o removem do seu ato de pensar. Quando julga que está certo, quase sempre ninguém o demove. Entretanto, na dúvida em que quase sempre se encontra, ele pode mudar o seu modo de querer. Daí o verdadeiro paradoxo na vontade do melancólico. Indeciso de um lado e intransigente de outro. Somente sua razão é capaz de mover sua vontade. Só ele sabe pensar, só ele tem razão em seus argumentos. (MONTE, 1966, p. 101-102)

Para superar seus defeitos de temperamento, o melancólico deve sempre buscar a alegria, procurando se animar e não permitir que os outros percebam a tristeza natural que ele carrega em si. É preciso que se conheça, para que possa ter autocontrole diante das situações. É necessário que busque confiar mais em si mesmo para fugir das indecisões diante da grande quantidade de possibilidades que se lhe apresentam, e deve sempre pensar que as situações na realidade não são tão ruins quanto ele imagina serem, pois assim ele vencerá seu negativismo e até mesmo seus escrúpulos.

¹ “Como sabemos, a palavra esquizotímica deriva de **esquizos**, que significa cindir-se, separar. Na verdade, o melancólico é um isolado, um separado, um esquisito, como diríamos, tendo por fonte a própria palavra grega.” (MONTE, 1966, P. 107, grifo do autor).

5.4 FLEUMÁTICO

“As várias impressões provocam tão somente uma irritação débil na alma do fleumático, se é que a afetam de algum modo. A reação é igualmente débil, quando não chega a faltar por completo. As impressões desaparecem logo.” (HOCK, 2019, p. 28).

O fleumático é um temperamento passivo, mas também possuidor de qualidades e defeitos, como qualquer outro. Talvez seja o temperamento mais misterioso, dentre os quatro temperamentos básicos, e o que dentre eles procura o menor envolvimento com a vida. Na pessoa fleumática há quase que absoluta falta de emotividade e por ser “pouco sensível, pouco emotivo e pouco imaginativo, o fleumático torna-se um temperamento quase atemperamental” (MONTE, 1966, p. 116).

É possível fazer uma comparação entre o melancólico e o fleumático: estes dois temperamentos, por serem passivos, vivem com certo indiferentismo com relação ao mundo exterior, todavia, o melancólico se alheia do mundo exterior para viver no mundo interior do seu espírito, enquanto o fleumático se alheia do mundo exterior para viver do mundo interior do seu fisiologismo. (MONTE, 1966).

A inteligência do fleumático é lenta como ele em si é lento, mas neste aspecto ele encontra um ponto positivo, pois, por não ser perturbado pelas emoções e paixões, o fleumático costuma realizar julgamentos mais retos e equilibrados.

Ao contrário do que muitos pensam, o fleumático não é um temperamento triste e também não é de poucos amigos, “porque ele gosta do convívio social e tem um mordaz senso de humor ingênito. É o tipo do indivíduo que consegue manter muitas pessoas “às gargalhadas” sem jamais deixar escapar um sorriso” (LAHAYE, 2010, p. 30).

Dentre suas qualidades estão a capacidade de ser um bom conselheiro, pois sua disposição morosa e acessível o faz capaz de escutar os outros, ao contrário do sanguíneo e do colérico, a quem custa bastante sentar para escutar outras pessoas. O fleumático, como o melancólico, é um amigo fiel e raramente mostrará deslealdade. Ele é bastante confiante, tem a natureza alegre e bem humorada e sabe cumprir com suas obrigações e horários. É ainda prático e eficiente, sabe trabalhar sob tensão e realiza bem suas atividades mesmo em circunstâncias que causariam o “fracasso” dos outros temperamentos. Se lhe for imposta a liderança mostrará ser um chefe capaz. (LAHAYE, 2010).

Por outro lado, dentre os seus defeitos predominantes está sua preguiça e sua própria morbidez, pois, por inclinação do próprio temperamento, os fleumáticos costumam aceitar

trabalhos em que não lhe sejam exigidos muitos esforços, pois consideram que não vale a pena trabalhar muito, quando com o pouco que têm conseguem ir levando a vida com tranquilidade. (MONTE, 1966)

Assim sendo, os fleumáticos são conhecidos por serem pessoas sem grandes aspirações, que em geral se contentam com a mediocridade e com a rotina, não gostando das coisas que os fazem se afastar dos seus hábitos. “É muito propenso a descansar, a comer e a beber, sendo, além disso, preguiçoso, lerdo e negligente no cumprimento de suas obrigações” (HOCK, 2019, p. 29).

Quando se zangam, parece que dormem, mas dentro da alma ruminam planos de vingança, a qual praticam com os requintes da maior crueldade, com a mais glacial frieza.

Neste ponto, tornam-se perigosos, pois serão capazes dos maiores crimes, sem que jamais sintam remorso de suas atitudes. (MONTE, 1966, p. 120).

Mesmo com todos esses defeitos do fleumático, é bom destacar que a perseverança é uma grande virtude desse temperamento, sendo uma arma poderosa para lutar contra seus próprios pontos fracos.

Citando o Dr. Hallesby, Tim LaHaye aponta qual é a reação do fleumático diante de cada um dos outros temperamentos básicos:

Se um Sanguíneo entra animado e entusiasta, o Fleumático se torna distante e gélido. Se o Melancólico vem pessimista, a lamentar-se das misérias do mundo, o Fleumático se torna mais otimista que nunca e o provoca de maneira insuportável. Se um Colérico se aproxima, repleto de planos e projetos, é um prazer requintado para o Fleumático derramar água fria em seu entusiasmo; com o seu equilíbrio e aguda percepção é-lhe muito fácil apontar as fraquezas da proposta do Colérico. (HALLESBY apud LAHAYE, 2010, p. 53-54).

Para se aperfeiçoar seu temperamento, o fleumático deve considerar algumas necessidades e começar a exercitar a bondade, o amor, a docilidade, a temperança e a fé. Com o autoconhecimento e com empenho em melhorar a si mesmo todos os temperamentos podem chegar a um progressivo aperfeiçoamento

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Somente conhecendo bem os temperamentos é que alguém poderá chegar ao autoconhecimento, se controlar e viver em harmonia com todos, procurando sempre crescer na virtude.

Quem se conhece sabe melhor que caminhos tomar, que profissão seguir, como reagir diante de cada situação e busca sempre crescer, com a consciência de suas qualidades e defeitos, fugindo tanto da vaidade, porque tem consciência de que muitas das qualidades que tem não são tanto méritos pessoais, mas fruto de seu temperamento, e também não cai na tristeza profunda perante suas próprias debilidades, por compreender que muitos destes defeitos são frutos de um temperamento que pode ser aperfeiçoado.

Este tema dos temperamentos precisa ser mais aprofundado e, sobretudo, divulgado. É realmente difícil encontrar fontes sérias de pesquisa sobre o tema, como livros ou artigos publicados, especialmente em língua portuguesa. A psicologia moderna fala sobre os temperamentos, fazendo inclusive outras tantas subdivisões e atribuindo novas nomenclaturas, mas não dá tanta importância para os quatro temperamentos básicos, que, apesar de ser conhecimento antiquíssimo, continua perene e válido, com os devidos aperfeiçoamentos e correções que sofreu nos anos posteriores de estudos sobre o tema.

Este trabalho buscou não apenas revisitar as fontes bibliográficas, mas, sobretudo, traçar um caminho de autoconhecimento a fim de que, a partir de uma busca sincera, se alcance o fim último do homem, e no fim último a própria perfeição.

REFERÊNCIAS

- DANKL, A. Apostila de Antropologia Psicológica. Anápolis: **Institutum Sapientiae**, 56 p., 2014.
- ITO, P. DO C. P.; GUZZO, R. S. L. Diferenças individuais: temperamento e personalidade; Importância da teoria. Campinas: **Rev. Estudos de Psicologia**, v. 19, n. 1, p. 91-100, 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2002000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 27 out. 2019.
- HOCK, C. Os temperamentos. São Bernardo: **Obra da Sagrada Família para a santidade dos lares**, 36 p., 2019. Disponível em: <<https://docero.com.br/doc/1cvsn1>>. Acesso em 14 out. 2019.
- LAHAYE, T. Temperamento controlado pelo Espírito. 30. ed. São Paulo: **Loyola**, 187 p., 2010.
- MARTINS FILHO, I. G. Manual Esquemático de História da Filosofia. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: **LTr**, p. 78, 2004.
- MARTINS, L. AL-C. P.; SILVA, P. J. C. DA; MUTARELLI, S. R. K. Teoria dos temperamentos: do *corpus hippocraticum* ao século XIX. Belo Horizonte: **Memorandum**, 16 p., 2008. Disponível em <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6689/4262>>. Acesso em 23 out. 2019.
- MONTE, N. Os temperamentos. 5. ed. Petrópolis: **Vozes**, 124 p., 1966.
- REZENDE, J. M. DE. À sombra do Plátano: crônicas de história da medicina. São Paulo: **Editores Unifesp**, p. 49-53, 2009. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/8kf92/pdf/rezende-9788561673635-05.pdf>>. Acesso em 23 out. 2019.